

**Definindo seu trabalho como um teatro livre para um ser humano também livre, o mentor do grupo *Tá na rua* se pergunta: "A quem isso interessa"?**



Foto: Ney Robson/IBAC

## AMIR HADDAD

### Um pós-brechtiano no meio da rua

N'Diane Christian E. Morais

O grupo teatral *Tá na Rua* pode ser considerado um fenômeno de resistência no panorama cultural brasileiro. Surgido em 1974, a partir de um grupo de atores irrequietos, amparados pelo DCE da UFF, em Niterói, o *Tá na Rua* mantém "imexida" a proposta de um teatro vivo, crítico da realidade social à sua volta, mantendo uma relação de horizontalidade com o público. E praticamente sem receber um centavo de ninguém, nem do governo, nem dos mecenas da iniciativa privada. O comandante desta destemida esquadra urbana é Amir Haddad que, de seus 55 anos de vida, tem 35 dedicados ao teatro. Ele crê que, ao longo destas quase duas décadas, o *Tá na Rua* amadureceu bastante. "No começo, sabíamos o que não queríamos fazer, mas não o que queríamos. Hoje, fazemos um teatro livre, representativo, que não seja privilégio de classe social alguma, mas que ao contrário, através de uma linguagem própria, consiga eliminar a estratificação social. Um teatro livre que fale a um ser humano livre também, que faça com que ele responda não com ideologias do seu grupo social, mas com o que ele tenha de mais vivo dentro de si. Ou seja, um teatro divertido, atento às questões de nosso tempo, agradável pra quem faz e quem vê".

**"As universidades deveriam criar pessoas capazes de modificar a realidade".**

Haddad acredita que o trabalho do ator deve ser uma exposição total, um rompimento da tradicional separação entre ele e a platéia. Citando Antonin Artaud — que queria do teatro uma sensação de "catástrofe iminente" —, Haddad compara o desnudamento do ator a um exercício de risco, uma acrobacia mortal: "Fazemos nosso número sem rede, sem a menor proteção. Nossos cursos e oficinas seguem este princípio". Defensor de uma formação crítica para os artistas do palco, Haddad chegou a

perder o emprego de professor no curso de teatro da UNI-RIO por discordar da orientação excessivamente mercadológica dada aos alunos. "Os professores queriam prepará-los para o mercado. Eu achava que uma escola de teatro, como as universidades e o ensino em geral, deveriam criar pessoas capazes de modificar a realidade, e não apenas formar mão-de-obra especializada. Me demitiram. Ator tem que ter opinião, ou fica submetido à própria vaidade e aos caprichos dos diretores e críticos". Ciente de que muitos jovens procuram os cursos de teatro como ponte para a TV, seduzidos pela miragem da fama, dinheiro e poder, Amir usa seu olhar treinado para distinguir os pretendentes ao palco dos que almejam ao foco glamorizado das câmeras. "Teatro e TV são ambições diferentes, exigem preparações diferentes. Nas oficinas, o grupo se baseia em duas obras fundamentais na formação de atores: *Galileu Galilei*, de Brecht, e *Ricardo III*, de Shakespeare. Elas discutem o Saber, o Poder e o Teatro, passando pela função do ator. Lá os alunos não são 'adestrados', mas orientados a desenvolverem seu talento artístico."

Mas se ao grupo sobra talento e dedicação, falta dinheiro. Saídos da ressaca de um "pendura" de 50 mil dólares dado pela Secretaria Municipal de Cultura, que os contratou para apresentações durante a ECO 92 e só pagou em julho, os integrantes do grupo, cuja dureza já virou quase um hábito, se viram como podem em atividades paralelas. "A gente só não faz tráfico porque dá cadeia", brinca Haddad, exagerando na versatilidade dos atores para captar recursos. A Secretaria de Cultura, porém, tem a virtude de ter sido a primeira a bancar custos de produção para um grupo de rua. "Fora isso, só tivemos até hoje uma verba da Rioarte, que bancava apenas nosso cachê, e outra do Banco do Brasil, sob a condição de fazermos o espetáculo no palco", revela.

Dinheiro, aliás, foi o que não faltou à superprodução *Floresta Ama-*

*zônica em sonho de uma noite de verão*, que abocanhou uma polpuda verba pra lá de 1 milhão de dólares graças à habilidade da atriz Lucélia Santos junto — e bem junto — aos responsáveis pelos cofres públicos. Ela chegou a acompanhar o próprio presidente da República na subida da rampa do Palácio do Planalto para garantir o sucesso financeiro do espetáculo. Lucélia convidou ninguém menos que Werner Herzog para dirigir a peça mais cara da história do teatro brasileiro e Haddad para ocupar a co-direção. Ele declinou do convite, alegando agenda cheia. "Quando vi que numa produção de 1 milhão e tanto me ofereceram 8 mil pra ser co-diretor, soube que minhas idéias não iam ser respeitadas. Só valeriam 8 mil em um milhão. Eu não ia entrar numa fria dessas. Dizem que todo homem tem sua friagem. Se o do Herzog foi 150 mil, o meu não foi 8 mil", fulmina, classificando o evento como "um silêncio de 1 milhão de dólares", por sua pouca repercussão junto ao público.

Crítico inclemente da política cultural e da cultura política brasileiras, Haddad acha que o artista, caso tenha vocação política e paciência, não deve se furar a exercer algum mandato ou cargo nesta área. "Os políticos brasileiros não têm nenhuma formação cultural. Eles mal têm formação escolar", ataca o mentor do *Tá na Rua*. "É importante que a cultura tenha representantes políticos dignos, verdadeiros. Provavelmente, 90% deles jamais abriram um livro ou assistiram a um filme melhor que um banguê-banguê italiano ou um erótico qualquer. Tanto os progressistas quanto os conservadores possuem a mesma visão de cultura: diversão inútil, que não enche barriga e só interessa quando dá dinheiro. É bem de acordo com o pensamento burguês, capitalista e protestante", resume o ator, que guarda certo ceticismo com relação às leis de incentivo cultural, como a lei Rouanet, que, segundo ele, logo de início escandalizou a todos dirigindo milhões para patrocinar o espetáculo do tenor Plácido Domingo durante a ECO 92, com ingressos a 200 mil cruzeiros.

Mas nem tudo é acidez no discurso de Haddad sobre política cultural. A iniciativa do governo estadual de transformar a Lapa num complexo cultural, através da de-

sapropriação de imóveis ocupados irregularmente, tem seu aplauso. "Se tudo der certo, a Lapa vai virar o coração cultural da América Latina. Lá vão estar instalados, além da Fundação Progresso e do Circo Voador, o Centro de Teatro do Oprimido, do Boal, a Associação de Blocos Afro-brasileiros, as Casas da Cultura da Nigéria e do Japão e o nosso Centro de Investigação Teatral, que funcionará junto com a Academia de Musculação Afetiva". No entanto, um desagradável entrave jurídico impede ainda o *Tá na Rua* de sair do 5º andar do Teatro Glaucete Rocha, onde está instalado — "graças ao governo Colômbia, acreditem" —, para finalmente realizar o sonho da casa própria: "o juiz responsável pelo processo de desapropriação ainda não ordenou o despejo dos grileiros".

Além desse projeto, o grupo está envolvido na montagem do espetáculo *Para que servem os pobres?*, de olho no Festival Ibero-americano de Cádiz (Espanha). A peça é baseada nos textos do sociólogo norte-americano Herbert Gans, que enumera 15 funções positivas exercidas pela pobreza na sociedade capitalista, tentando provar a extrema utilidade dos pobres na sobrevivência deste tipo de sociedade. "Justamente o contrário do discurso dos democratas liberais burgueses, que defendem o fim da pobreza através da justa distribuição de renda. É uma montagem ambiciosa, de 5 a 6 h de duração, diferente de tudo o que fizemos até agora."

Os sonhos do grupo não chegam a ser de nenhuma noite de verão: pretendem realizar, ao ar livre, uma montagem "épica e vigorosa" da clássica *Ricardo III*, de Shakespeare. Mas Haddad prefere ser cauteloso quanto a projetos futuros, demonstrando uma ausência de pressa típica de quem conhece o ritmo certo das coisas. "De dois anos pra cá, nosso trabalho tem avançado e adquirido respeito. Leva tempo pra que todo trabalho pioneiro seja reconhecido. E resistimos há anos." Haddad sabe que a origem das dificuldades por que passou o *Tá na Rua* está na opção político-teatral que orienta seu trabalho. "Trabalhamos com o povo mesmo, abrindo espaço ao último nível da sociedade, chegando até aos mendigos nas ruas. A quem interessa isto?"